

A DESCIDA DO HERÓI AO REINO DOS MORTOS

Eleazar Magalhães Teixeira

"Descer ao reino dos mortos" é uma dádiva divina para os heróis que, além de se distinguirem pela bravura, pela inteligência e pela habilidade, hão de perpetuar-se como modelos de paciência, temor e obediência aos deuses, capacidade de assimilar as grandes provas a que são submetidos. É na sua descida ao reino dos mortos que o herói recebe a sabedoria necessária para despojar-se de sua vida errante e assumir a responsabilidade de enfrentar com segurança e clarividência a missão superior a que os deuses o destinam. Na epopéia, essa sabedoria visa a informar e formar o herói e a posteridade, a qual passa a ter nele um modelo de comportamento e de piedade. Ela é dada por revelação divina, em parte pela profecia, em parte pela magia e pelo diálogo com os mortos. É o herói que a recebe se movimenta num quadro amplo de poesia, arte, magia e religiosidade, que bem ressaltam as intenções protrépticas e didáticas da epopéia. Como consequência dessa revelação, da sabedoria dos mortos e da ajuda sobrenatural, o herói não é mais o mesmo antes e depois de sua descida ao reino dos mortos. Parece cavalgar dois mundos: o profano e o sagrado, o divino e o humano. Mas não basta que os deuses o elejam para essa posição de relevo; ele tem que contribuir com sua sensibilidade e piedade, sua crença e capacidade para enfrentar as duras provas a que os deuses o submetem.

Agamenon, rei dos aqueus da Ilíada, foi brilhante por sua bravura, inteligência e habilidade, mas falhou quando os deuses o experimentaram. Posto à prova na difícil decisão entre sacrificar sua filha Ifigênia no altar da deusa Ártemis ou renunciar à direção dos exércitos dos aqueus antes de chegar a Tróia, preferiu a glória humana ao desprendimento. Por isso mentiu à esposa e permitiu o sacrifício da filha contanto que

não lhe tirassem a direção dos exércitos aliados. O mesmo comportamento se repetiu em Tróia quando, tendo-se desavin-do com Aquiles, subtraiu-lhe tiranicamente a bela Briseida, re-velando mais uma vez sua arrogância. Por isso os deuses lhe deram morte trágica pelas mãos de sua esposa Clitemnestra, e de seu mais terrível inimigo, Egisto, no seu regresso a Mi-cenas.

Aquiles, mais singelo e mais bravo que Agamenon, também não foi suficientemente solícito aos apelos da divindade. Seu excesso de ódio e de obstinação tornou-o impermeável à pie-dade, por isso os deuses lhe negaram o doce retorno a Ftia. Ajax de Telamon, depois de Aquiles o maior herói dos aqueus, também não mereceu a dádiva do retorno. Apesar de não ter-se envolvido em situações difíceis que o revelaram "hy-bris" (1), faltaram-lhe a serenidade e a magnanimidade de es-pírito, compatíveis com sua bravura na guerra, para, no mo-mento em que foi preterido em favor de Ulisses, na disputa pelas armas de Aquiles, sentir que os deuses lhe davam oportu-nidade de completar-se pelo perdão. Em vez disso, chocou-se contra seu próprio orgulho e cólera, espetando-se tragicamen-te contra a ponta de sua espada.

A mitologia nos narra a história de grandes heróis que desceram à região dos mortos e de lá voltaram. Entre eles ci-tamos apenas os que nos são mais conhecidos: Teseu, Orfeu, Hércules, Enéias e Ulisses. Desses, dois são bastante céle-bres pelas epopéias de que são heróis: Ulisses e Enéias. O primeiro é o protagonista da *Odisséia*, poema homérico que relata a volta dos guerreiros após a destruição de Tróia, e ainda as aventuras e as dificuldades do herói até encontrar o cami-nho de volta para a pátria e vingar os pretendentes à mão de sua esposa Penélope. O segundo, Enéias, é o herói da *Eneida*, poema de Virgílio, poeta do primeiro século a.C. Participou também da guerra de Tróia como adversário dos aqueus, os gregos. Durante o incêndio da cidade, Enéias conseguiu sal-var-se a si, a seu pai Anquises e seu filho Ascânio. Reunindo em alguns navios os companheiros mais fiéis, seus Penates ou os deuses da cidade incendiada, com eles velejou pelo Me-diterrâneo, rumando para a Ausônia, a Itália, onde, após muitas dificuldades, estabeleceu os fundamentos do futuro Império Romano.

(1) Hybris é o grande pecado dos homens de acordo com o pensamento da cultura grega. Significa excesso, desmesura, orgulho. Opondo-se à sabedoria ou à sensatez "Sophrosyne", constitui o germe da tragédia e da destruição.

Neste trabalho falaremos apenas de Ulisses e de sua descida ao reino dos mortos. O tempo é exíguo para abordar também a descida de Enéias ao Reino de Plutão, a qual, pela riqueza de detalhes, pelas alusões mágicas e pela revelação divina é mais imponente que a descida de Ulisses.

Ao sair de Tróia, após o incêndio da cidade, Ulisses é apenas o herói inteligente, astucioso, o homem de mil expedientes. Do ponto de vista da moral e da piedade, suas ações são por vezes ambíguas e há mesmo afirmações fora da Odisséia que no-lo apresentam como uma personalidade desprovida de nobreza de caráter, crente de que os fins justificam os meios como na lenda de sua forçada adesão à guerra de Tróia, no episódio da morte de Palamedes e na disputa pelas armas de Aquiles.⁽²⁾ A própria Odisséia no-lo apresenta no início de suas aventuras como um saqueador de cidades, preocupado apenas com adquirir riquezas fáceis e valiosos despojos. É o que nos atesta o Canto IX no episódio da invasão de Ís-

- (2) Diz-se que o Ulisses teria tentado subtrair-se a um juramento comum entre os aqueus, pelo qual se obrigavam a obedecer ao chefe que fosse escolhido para dirigir os exércitos aliados. Fingindo-se louco, teria sido encontrado por Palamedes e Menelau arando um campo com uma charrua puxada por uma junta formada por um asno e um boi, e semeando sal nos sulcos em vez de semente. Desconfiando da astúcia, Palamedes pôs seu filho Telêmaco, ainda criança de colo, no local por onde o arado iria passar. Não podendo resistir à prova, Ulisses deteve a junta de animais e recolheu a criança, mostrando que estava consciente de suas ações.

Isto fez que Ulisses jamais perdoasse Palamedes, apesar dos muitos benefícios prestados por ele aos gregos e à humanidade. Durante a guerra de Tróia, tendo capturado um troiano, Ulisses o obrigou com ameaças a escrever uma carta como se fosse do próprio punho de Príamo, rei de Tróia. Por ela se depreendia que Palamedes se oferecera a Príamo para trair os aqueus. Para aumentar as suspeitas, subornou um escravo de Palamedes para que escondesse ouro sob o leito do amo. Por fim fez circular a carta pelo acampamento, chegando esta às mãos de Agamenon. Este acabou de convencer-se da culpa de Palamedes quando encontrou o ouro sob sua cama. Entregue aos aqueus, Palamedes foi apedrejado.

Uma das versões sobre a morte de Ajax de Telamon — a qual é preferida pelos trágicos — narra que ele enlouqueceu porque lhe negaram as armas de Aquiles. Tétis, a mãe deste herói, havia destinado as armas do filho ao mais valente dos aqueus, ou ao que houvesse provocado maior terror entre os troianos. Pelo que se sabia, esse herói era Ajax. Ulisses porém sugeriu que se indagasse dos prisioneiros quem era esse herói. Estes por despeito designaram Ulisses, a quem em consequência couberam as armas de Aquiles. Enlouquecendo, durante a noite Ajax destruiu os rebanhos destinados à alimentação dos aqueus, e na manhã seguinte, tendo tomado consciência do que fizera, suicidou-se.

maro, habitada pelos cícones (IX, 39-61); no seu encontro com o gigante Polifemo em que incorreu na ira do deus Posídon por ter vazado o olho do seu filho (IX, 170-555). Além de aventureiro e pilhador de cidades, o Canto X no-lo mostra como culpado por sua própria incúria na cena do odre que continha os ventos tempestuosos e que lhe fora confiado pelo Rei Éolo, e ainda como renegado dos deuses quando o mesmo Éolo o expulsou com fúria de sua ilha por não ter acertado o caminho de volta para a pátria (X, 1-75).

A proporção que avançava em suas aventuras em torno do Mediterrâneo, ia perdendo navios e companheiros a ponto de lhe restar apenas aquele em que viajava com sua tripulação. Para maior desventura sua, os companheiros que enviara para explorar o local na ilha de Eéia foram enfeitiçados pela magia de Circe e transformados em porcos. É nesse momento que os deuses se compadecem dele e o atraem para sua esfera de proteção. Este por seu turno coopera com a divindade ouvindo atentamente as instruções divinas com espírito de submissão e de piedade. Hermes o informa sobre os poderes dos sortilégios e das bebidas de Circe e o orienta sobre como neutralizar sua força destruidora e como aproveitá-la como meio mais próximo e mais concreto para obter outras informações a fim de vencer o círculo vicioso em que se enrodi-lhara conseguindo o saber que lhe indicaria o caminho de volta para a pátria (X, 174 et sqq.)

A partir dessa disposição do herói para ouvir as instruções divinas, as informações virão através de diversas fontes. Estas são hierarquizadas, mas limitadas. Terminada uma, ela o remete a outra e assim vão-se desenvolvendo e completando até chegar a uma informação total.

Cabe ao herói a iniciativa para a volta. Os deuses não ajudam a quem não está disposto a agir. Ao subir ao leito esplêndido de Circe à noite, Ulises, abraçando seus joelhos, pediu-lhe: "Circe, mantém a promessa que me fizeste de me deixar voltar à pátria; agora minha alma o deseja e a dos companheiros, que ferem meu coração com o assédio de suas lamentações quando não estás presente". (X, 480-86). Circe promete deixá-lo, já que ele o quer, mas com a condição de que ele faça antes uma viagem ao reino dos mortos e da terrível Perséfone para interrogar a alma do tebano Tirésias, o adivinho cego, cujo espírito permanece sempre o mesmo. Enquanto, desencorajado, Ulisses chora sobre o leito sem querer mais viver, Circe lhe vai dando as instruções. Ele não terá piloto em seu navio para ir à região dos mortos. É plantar o mastro, desdobrar as velas e velejar ao sopro do Bóreas. Chegando ao

fim do Oceano, encontrará uma margem plana e os bosques sagrados de Perséfone: altas faias e negros salgueiros que já perdem os frutos. Ali é ancorar o navio perto do Oceano e entrar na úmida morada do Hades. É a região onde se lançam no Aqueronte o Flegetonte e o Cocito, cujas águas vêm do Estige.

Ao chegar ao local indicado por Circe, uma rocha onde caem com estrondo os dois rios logo que se juntam, Ulisses começa a cumprir o ritual indicado pela feiticeira (XI, 1 et sqq.). Cava um fosso de um côvado de profundidade para todos os lados e dentro derrama uma libação para todos os mortos, primeiro leite com mel, depois o doce vinho, em terceiro lugar, água. Por cima espalha a branca farinha de cevada. Depois promete às cabeças vazias dos mortos que, ao chegar a Ítaca, lhes sacrificará a mais bela novilha estéril que tiver e encherá a fogueira com oferendas. A Tirésias, em particular, imolará um bode totalmente negro, o mais forte do rebanho. Depois de ter implorado por votos e orações à multidão dos mortos, apanhou os animais que trazia, um cordeiro e uma ovelha negra, cortou-lhes os pescoços acima do fosso e o sangue negro correu para o seu interior. A multidão dos mortos subia do fundo do Érebo e Ulisses, com a espada em punho, ficou de pé impedindo os mortos de aproximar-se do sangue antes que interrogasse Tirésias.

O primeiro a aparecer foi Elpenor, um companheiro seu que morrera na véspera na mansão de Circe, e cujo corpo ele não teve tempo de sepultar. Admirado de o encontrar ali, Ulisses lhe pergunta como ele a pé chegou antes dele que veio de navio. Elpenor então lhe conta que na festa da véspera bebera vinho em demasia e, tendo dormido na parte superior do Palácio de Circe, na hora de descer esqueceu-se de procurar a escada. Lançando-se pelo lado oposto, quebrou as vértebras do pescoço e sua alma desceu rapidamente ao Hades. Então lhe pede, em nome de sua esposa Penélope, de seu filho Telêmaco e de seu pai Laertes que, ao passar de volta pelo palácio de Circe não o deixe sem sepultura para que o ódio dos deuses não se levante contra ele. Queime seus restos junto com suas armas e lhe erga um monumento na praia, e na parte mais alta finque seu remo para que os pósteros se lembrem de um infeliz (XI, 51-83).⁽³⁾

(3) O herói desce ao reino dos mortos, vivo. Todavia parece fazer parte do ritual o desaparecimento de alguém, que morre em seu lugar. Aqui na descida de Ulisses ao Hades, Elpenor parece cumprir essa função de substituir o herói na morte. Por isso é o primeiro a lhe aparecer no

A seguir, Ullisses ouvirá a profecia de Tirésias, o profeta tebano. Esta constitui a parte nuclear de toda a revelação divina sobre o retorno do herói. É apenas o esquema da instrução de que ele necessita para sua volta, a que terá de juntar sua sabedoria e sua piedade se quiser superar as dificuldades que o aguardam. Tudo quanto o profeta lhe dirá se refere ao futuro. Desta sabedoria profética, somente a sabedoria mágica de Circe se aproxima, conforme outras informações que lhe dará sobre as Sereias e o episódio das vacas de Hélio no Canto XII. As demais notícias que ele ouvirá de sua mãe e dos outros mortos constituirão parte da informação de que precisa para formar o quadro da sabedoria que o salvará.

Ao aproximar-se a alma do Tebano Tirésias, com seu cetro de ouro na mão, reconheceu Ulisses e exclamou: "Descendente de Zeus, filho de Laertes, Ulisses de mil expedientes, por que então, o infeliz, deixando a luz do sol, vieste ver os mortos e a região sem alegrias? Mas afasta-te do fosso, põe de lado tua espada para que beba o sangue e te diga a verdade". Quando acabou de beber o sangue, o irrepreensível adivinho lhe dirigiu estas palavras: "É a volta doce como mel que procuras, glorioso Ulisses, mas um deus a tornou difícil, pois o Abalador de Terra não te deixará passar, penso eu. Concebeu ódio em seu coração contra ti por teres tirado a vista de seu querido filho. Mas, apesar de sua cólera, poderás ainda, após muitas provas, chegar à tua casa se contiveres teu coração e o de teus companheiros, no momento em que aproximares teu navio da ilha do Tridente, após teres escapado do mar violáceo quando ali tiveres encontrado em pastagens as vacas e os robustos carneiros do deus Hélio, que tudo vê e ouve. Se não lhes causares mal, se pensares na tua volta, tu e teus companheiros podereis ainda chegar a Itaca, não sem sofrimentos. Mas se lhes causardes mal, então eu te predigo a perda de teu navio e dos teus companheiros. E tu, se escapares da morte, entrarás tarde em teu país, em situação de penúria, após teres perdido todos os teus com-

reino de Hades e pedir-lhe o cumprimento do ato piedoso da sepultura. Isto acontece antes mesmo de Ulisses entrevistar-se com Tirésias.

Na Eneida se observa o mesmo ritual. Logo no final do Canto V, Palinuro, piloto no navio de Enéias, enganado pelo deus do sono, adormece na direção do navio e, caindo ao mar, perece. Quando, na caminhada pelo reino dos mortos em companhia da Sibila, Enéias chega à margem do Aqueronte, a primeira alma que encontra é a do seu piloto Palinuro, que também lhe implora não o deixar sem sepultura. Cf. VIRGÍLIO — *Eneida*. Paris, Librairie Garnier Frères. V, 830-61; VI, 337-83.

panheiros e num navio estrangeiro. Em tua casa encontrarás de que te lastimar: homens arrogantes que devoram teu patrimônio, pretendentes à mão de tua esposa e que lhe oferecem presentes de núpcias. Após tua chegada, fa-lo-às expiar suas violências. Mas depois que tiveres matado os pretendentes na grande sala do palácio, por astúcia ou abertamente com a ponta da lança, então apanha um remo bem feito e caminha até chegares à terra dos homens que não conhecem o mar e comem sua ração diária sem sal; eles não conhecem os navios de flancos vermelhos nem os remos bem feitos, que são as asas do navio. Dar-te-ei um indício bem convincente, que não te escapará. Quando te encontrares com um viajante que te disser que carregas nos ombros uma pá de recolher o grão, então finca no chão teu remo bem feito, oferece um belo sacrifício ao Rei Posídon: um carneiro, um touro, um porco reprodutor; depois volta a casa para sacrificar hecatombes sagradas aos deuses imortais que habitam o céu imenso, a todos sem omitir nenhum. Para ti a morte virá fora do mar, muito suave: ela te surpreenderá quando estiveres enfraquecido por uma velhice opulenta. Ao redor de ti, teus súditos serão prósperos. Eis o que te digo com toda a verdade".

Em seguida vem o encontro de Ulisses com sua mãe Anticléia. Nele, o herói tem informações completamentares sobre a situação de sua família. Penélope, sua esposa, informa Anticléia, lhe continua fiel no palácio e chora de saudades por ele. Telêmaco, seu filho, administra as propriedades e é um príncipe justiceiro. Seu pai, Laertes, muito velho, vive no campo e não desce mais à cidade. Dorme no chão perto das cinzas, em completa tristeza, ansiando pela volta do filho querido. Depois de lhe ter relatado as tristezas e as saudades que a levaram à morte, Ulisses tenta por três vezes abraçá-la, mas por três vezes ela lhe escapa semelhante a um sonho e a uma sombra.

Depois, como em uma tela, passam diante do herói as mulheres célebres do passado. É o que os helenistas chamam "o catálogo das mulheres". É um quadro de informação e formação. Isso lhe trará uma reflexão sobre a fragilidade do poder e de como as situações evoluem rapidamente da felicidade para a tragédia. As mulheres que desfilam diante do herói foram afamadas pelas estirpes que constituíram para a posteridade porque se uniram a deuses ou ainda porque foram culpadas de grandes pecados, como o adultério, o incesto e a calúnia, ou pelas tragédias de que foram vítimas. Entre elas, Tiro, de nobre nascença, que teve de Posídon, deus dos mares,

Pélias e Neleu, pais de heróis; Antíope, filha de Asopo, que se gabava de ter dormido com Zeus, de quem teve dois filhos célebres, Anfíon e Zeto, os fundadores das muralhas de Tebas, a cidade de Sete Portas; Alcmena, esposa de Anfitrião, que nos braços de Zeus concebera Hércules de coração de leão; a bela Epicasta, ou Jocasta de acordo com Sófocles, que, na ignorância do seu espírito, cometeu um ato horroroso: desposou seu próprio filho, Édipo, o qual já matara Laio, seu pai; Fedra, que, não tendo conseguido seduzir seu enteado Hipólito, caluniou-o diante do marido. Este, acreditando na esposa, invocou contra o filho a cólera divina, por isso os deuses determinaram que fosse despedaçado pelos próprios cavalos. E muitas outras mulheres, entre as quais Leda, Ifimédia, Mera, Clímene, Erifila, Clóris, Prócris e a bela Ariadne.

A iniciação do herói continua. A visão e informação que vai ter a seguir referem-se a um passado mais recente: o destino de muitos dos seus companheiros de guerra, de quem não tiveram notícia desde a partida de Tróia. Isso não só vai torná-lo consciente do que aconteceu a seus aliados, mas sobretudo pô-lo de sobreaviso para não cometer os mesmos erros que os impediram de voltar à pátria.

Apareceram então as sombras de Agamenon, rei dos aqueus, de Aquiles, rei dos mirmidões, de Pátroclo, de Antíloco e de Ajax. Tendo bebido o sangue das vítimas, Agamenon aproximou-se de Ulisses dando grandes gemidos e todo banhado em lágrimas, estendendo-lhe as mãos para abraçá-lo. Compadecido, Ulisses ergueu a voz e perguntou-lhe a causa de sua morte, se perecera no mar pela fúria de Posídon, se em alguma pilhagem ou em algum combate para defender uma cidade ou mulheres. Agamenon respondeu-lhe que não perecera no mar nem num combate, mas pela mão de Egisto, amante de sua esposa Clitemnestra, com a qual meditara sua morte. Convidado a entrar em seu palácio e recebido para um banquete com todas as mostras de amizade, no meio da festa fora abatido a machadadas como um boi que é morto na manjedoura. Ao redor dele, caíram seus companheiros até o último como porcos de dentes alvos que são abatidos para um festim de núpcias. Mortos, diz ele, ficamos jazendo na grande sala do palácio ao redor das crateras de vinho e das mesas carregadas de alimentos, enquanto no chão o sangue corria em ondas. Ao cair ao solo, continua Agamenon, ouvi a voz de Cassandra, filha de Príamo, que me coubera como prisioneira de guerra e que implorava por socorro. É que minha astuciosa mulher também acabava de matá-la. Nada há mais ter-

rível e mais descarado do que uma mulher que em seu coração concebeu tais crimes. Ela espallhou a infâmia sobre si mesma e sobre todas as mulheres futuras, mesmo as mais honestas. "Não sejas jamais brando com tua mulher nem lhe confies teus projetos. Participa-lhe alguns, mas oculta outros."

Em seguida foi a vez de Aquiles, filho de Peleu, rei dos mirmidões. Depois que Ullisses o louvou por sua glória passada, por sua bravura e pelas honras que fizeram dele um semideus, Aquiles lhe disse com vivacidade: "Não me consoles por ter morrido, ilustre Ullisses; preferiria estar preso à terra, ser assalariado de alguém, mesmo de um homem sem recursos, sem meios de qualquer espécie, a ser rei entre os mortos, que nada são". E depois que Ulisses lhe deu informações sobre seu filho Neoptólemo, uma vez que nada sabia sobre seu pai Peleu, Aquiles, de pés ligeiros, fugiu rápido por entre as sombras, alegre por ter ouvido os feitos do seu descendente.

Enquanto outras almas interrogavam Ulisses, cada uma sobre o objeto de suas preocupações, somente Ajax, filho de Telamon, se conservava afastado. Guardava profundo ódio contra Ulisses porque, sendo considerado o mais valente guerreiro depois de Aquiles, julgava-se com o direito de ficar com suas armas após a morte do herói. Mas por intervenção do destino e de Zeus, os juízes foram os filhos de Tróia e a deusa Atena, que deram a sentença a favor de Ulisses. "Antes, diz Ulisses, eu não tivesse vencido naquela disputa, pois isso provocou tua morte, Ajax. Mas peço-te que esqueças este ódio, que domines teu ressentimento e a soberba do teu coração." Apesar disso, Ajax nada respondeu e partiu para o Érebo a fim de juntar-se às outras almas defuntas.

Na última iniciação a que é submetido, Ulisses contempla os grandes heróis da mitologia, parentes ou filhos dos deuses. A maioria suporta castigos extraordinários e eternos pelos grandes pecados cometidos ou por ciúmes dos deuses. Entre eles, o Canto XI da Odisséia nomeia Minos, filho de Zeus e rei de Creta; o gigante Títio, filho da Terra; Tântalo, Sísifo e Hércules.